



A nova chance de Bárbara

Alexandre Santos

Escrito em dezembro de 2007, o conto, que integra a trilogia 'A armadilha tecnológica', relata uma das versões do desfecho do triângulo amoroso vivido por Barbara, Raquel e Pedro Henrique.

Desde o fracasso dos relacionamentos que tivera após a loucura vivida com Pedro Henrique anos atrás, Bárbara recalcará os sentimentos e mergulhou fundo na profissão. Resignada a uma vida sem amores, ela se entregou ao trabalho e, no mundo sem pele e sem coração, onde inteligência, dinamismo, pragmatismo, feeling e obstinação fazem a diferença, Bárbara chegou ao topo. Em pouco tempo, com menos de 35 anos, a mulher sem pele e sem coração se tornou a principal executiva da corporação e, envolvida em negociações, viagens e reuniões, não percebia a monotonia insípida, inodora e incolor daquela “vida de merda”, como no passado dizia das amigas que viviam a vida sem amor.

Um dia, no entanto, a deusa da fortuna resolveu pregar uma peça e a fez esbarrar em Pedro Henrique. Foi um momento mágico. No bilionésimo de segundo que precisou para retomar a compostura e cumprimentar educadamente o ex-namorado como devem fazer ex-namoradas bem-educadas, Bárbara fez uma viagem ao passado e, sentindo o mundo repentinamente alegre e colorido, lembrou das aventuras fascinantes que viveram juntos. O encontro, embora rápido, recheado de futilidades e de informações que não a agradaram (Pedro Henrique disse que ainda continuava casado) foi longo o suficiente para que ambos percebessem que a chama não acabara. Despediram-se com uma troca de cartões e, para espanto deles próprios, com um aperto de mão, como se os tradicionais beijos na face pudessem descambar para coisa mais séria.

A súbita insegurança que experimentou mostrou à Bárbara que Pedro Henrique – o homem que saíra de sua vida porque não tivera coragem para romper um casamento fracassado e assumir um amor sincero e apaixonado – continuava a mexer seu coração. Voltou para o escritório mais leve, animada e feliz.

Ainda naquela tarde, recebeu dois telefonemas de Pedro Henrique: no primeiro falou da alegria do reencontro e no segundo, quinze minutos mais tarde, convidou-a para jantar. Aí, de feliz, Bárbara ficou exultante, mas, mesmo radiante de felicidade, resistiu e, lembrando a aliança que marcava o anelar direito do ex-namorado, recusou o convite com um NÃO que, na realidade, queria dizer SIM.

Daí em diante, com o humor re-paginado pela retomada da vida, diariamente, Bárbara recebia várias ligações do antigo namorado. Em uns, ele desejava-lhe bom dia. Em outros, falava das noites insones que passava pensando nela. Em todos, o convite para um reencontro. Resistiu enquanto pode.

Quinze dias de dura peleja contra a própria vontade.

Escudada em verdades nunca mencionadas, disse NÃO's que não queria dizer, torcendo sinceramente para que Pedro Henrique não recuasse em função da sua birra e suportasse a provação para demonstrar que realmente estava disposto a vê-la (e tê-la). Finalmente, no milionésimo telefonema, Bárbara disse SIM. Aceitaria um convite para jantar. "Só para conversar", deixara bem claro. As forças da química e do magnetismo eram mais fortes do que as da razão e, Bárbara resolveu entregar a vida aos ventos do destino.

Ressabiado com os foras que recebera nos últimos dias, Pedro Henrique sugeriu que se encontrassem no começo daquela noite, no Costa do Sol, um luxuoso restaurante da Zona Sul. Não era exatamente o que Bárbara tinha em mente, pois, sabendo o tipo de conversa que teriam e antevendo o que provavelmente viria pela frente, teria preferido um boteco mais aconchegante. Mas, conhecendo como conhecia a natureza do ex-namorado, Bárbara sabia que Pedro Henrique escolhera aquele lugar tão formal para não assustá-la. "Ah!, se Pedro soubesse o quanto eu preciso ser assustada", pensou divertida.

Naquele dia, alegando uma enxaqueca qualquer, Bárbara não voltou para o trabalho à tarde. Relutara bastante para voltar a viver, mas, agora, estando de volta à vida, estava determinada a nela permanecer e daria tudo de si para que, desta vez, o amor tivesse todas as chances para vencer. Lembrando o guarda-roupa executivo que usava, foi às compras. A Bárbara daquela noite não seria a dos *tailleurs* sóbrios e requintados. Usou o cartão à vontade. Sacolas e mais sacolas com roupas e sapatos de todos os tipos para todas as ocasiões. Dedicou atenção especial às lingerie e se muniu de calcinhas estreitas e ousadas. No salão de beleza, brilhando felicidade por todos os poros, pediu um corte novo, mais jovem, mais solto. Em casa, duas horas mais tarde, o longo banho. Queria estar linda e se preparou para o encontro como uma noiva antes do casamento. Diante das novas roupas, venceu o tormento da escolha optando por um vestidinho leve, quase juvenil, e uma roupa íntima ousada como nunca vestira. Para completar, a mesma lavanda dos tempos em que era feliz com o antigo namorado. Mirou-se no espelho e gostou do que viu. Estava pronta para o encontro que poderia mudar sua vida. Resolveu ir de táxi. Era uma forma de fazer Pedro Henrique trazê-la para casa ou levá-la a onde o destino mandasse. "De hoje ele não me escapa", disse Bárbara para si mesma, sonhado com a felicidade.

Quando Bárbara chegou ao restaurante, Pedro Henrique já estava. A mesa era distante da entrada, num canto escondido, bem discreto. "Ótimo", pensou ela, enquanto passava pela única mesa ocupada a passos lentos, como se ainda relutasse com o encontro. Estava pronta para um jogo de gato e rato no qual presa e predador intercambiam posições, valorizando derrotas que, no fundo, são as verdadeiras vitórias que desejam. No começo a conversa até esteve bem comportada. Com cuidado para não exagerar na dose, Bárbara renovou foras e reiterou a impossibilidade de voltarem enquanto ele estivesse casado. Desta vez a resistência durou pouco. Em alguns minutos, amansada pelos argumentos criados por Pedro Henrique, alguns dos quais ela mesma ajudara a articular, e pela única taça que tomara, Bárbara relaxou e cedeu o primeiro carinho. Daí em diante, o encanto fluiu célere e os dois antigos namorados voltaram a compor um casal. Nem o ataque simultâneo de mil cupidos explicaria a súbita retomada da velha paixão. Beijinhos quase inocentes se

transformaram em amassos apaixonados e as palavras deixaram de ser importantes para celebrar a vitória do amor. Bárbara e Pedro Henrique estavam juntos novamente.

Estavam tão entretidos um com o outro que não perceberam a chegada da mulher escandalosa que, se desvencilhando do segurança aos berros e safanões, corria na direção deles, num grande espetáculo. Só, então, notaram a presença de Raquel, a esposa de Pedro Henrique. Como uma leoa ferida, ela estava incontrolável e, sob o testemunho espantado da família que ocupava uma mesa na entrada do salão, explodiu em palavrões, esculachando a mulher que estava abraçada a seu marido. Sem reação, com os olhos rasos d'água, vendo a vida voltar a desaparecer pelo ralo da humilhação, Bárbara baixou a cabeça e não disse uma única palavra. Ato contínuo, já refeito da surpresa, Pedro Henrique deu leve aperto no braço da namorada e, com um "me espere", levantou-se. "Vamos embora daqui, sua louca", sussurrou e praticamente arrastou Raquel, que não parava de gritar. "Me largue, seu filho-da-puta, que eu quero matar aquela quenga", esbravejou a mulher, fulminando Bárbara com um último olhar antes de sair do restaurante. O constrangimento foi geral. Só depois de longos minutos nos quais imperou silêncio absoluto, funcionários e clientes procuraram dissimular o mal-estar geral, retomando conversas e serviços. Aquela normalidade hipócrita não escondeu que, com as dissimulações possíveis e necessárias à artificialidade característica daquele ambiente sofisticado, todos os presentes lançaram a vista sobre a bela mulher cabisbaixa que instantes atrás tinha protagonizado a baixaria.

Sentindo-se alvo de todos os olhares e comentários, traumatizada pelo escândalo, Bárbara permaneceu imóvel, fingindo não existir, como se isso pudesse fazê-la desaparecer. Se pudesse, desapareceria da Terra naquele instante. Num único segundo, sua vida dera mais uma reviravolta e, do céu em que imaginava estar, descera ao inferno. Só, traída, humilhada, objeto de chacotas e censuras, sentindo lágrimas escorrerem sulcos, Bárbara sentiu-se a última das mulheres, reconheceu culpas que não tinha e, arrependida por lutar pelo único amor que tivera na vida, prometeu-se que, por maior que fosse a tentação, jamais olharia para um homem casado. Depois de uma eternidade, quando se arriscou a levantar o rosto, viu o beliscão que calou o garoto sorridente que não parava de olhá-la. De solidariedade, só o velho garçom que, compreendendo seu desespero, se aproximou à guisa de repor água, e disse-lhe apenas: "não fique assim, minha filha, no final tudo vai dar certo".

Muito tempo depois, reuniu coragem para enfrentar o mundo e voltar à 'vida de merda' da qual tinha saído quinze dias atrás. Pediu a conta e, sempre com os olhos baixos, abriu a bolsa para sacar a carteira. Percebeu a presença de um vulto que imaginou ser o garçom. "Você vai para onde meu amor?", ouviu a voz de Pedro Henrique, que, entregando-lhe o mais vermelho dos buquês, tinha voltado para nunca mais sair.

(*) Alexandre Santos é presidente da Academia de Letras e Artes do Nordeste